

PARANA'—BRAZIL



Fundadores :

Anno III

*Dario Vellozo,
Silveira Netto, Julio Pernetta,
Antonio Braga.*

25.º Fasciculos

O CENACULO

Directores :

Dario Vellozo e Julio Pernetta.

Summula :

PAGES.

I ASHAVERUS DO AMOR, de J. Moraes	97
II FLOR EXOTICA, de Orlando Teixeira	99
III CÉGOS, de Oliveira Gomes	100
IV CANÇÃO, de Gustavo Santiago.	102
V IRRADIAÇÃO, de Dario Vellozo	103
VI NOCTIVAGOS, de Joaquim Sarmanho	108
VII DÉVOUEMENT, de Jean Itiberé	110
VIII CREPUSCULO, de Julio Pernetta	113
IX IMAGENS, de Oliveira Gomes	114
X JERUZALEM, de Pierre Loti.	116
XI AUSENCIA, de Dario Vellozo	125
XII RESPIGAS	126

Tomo IV

Abril--1897

— N.ºs 4

— CORITIBA —

ASHAVERUS DO AMOR

PHANTASIA

I

Ao longe, no fundo escuro da matta, o taquaral translucido soluça tristemente á luz baça do luar.

Pelos ares a coruja parda solta pios estridulos, como agou-rando pezares.

Dos bréjos se levantam fogos funebres, luzes esverdeadas e tremulas, que intimidam as almas simples.

Em torno, o silencio que fala tão alto ao coração dos incom-prehendidos.

Por toda parte uma neblina densa, espessa como o veo de desesperanças que envolve a alma dos desilludidos e dos des-crentes.

No ceo, emtanto, ha uma exhuberancia tropical de estrellas vividas, fulgidas, scintillantes.

Da montanha escarpada, dos altos pincaros, dos cumes ro-chosos aos valles quietos, ás campinas mudas, desce um vul-to— Ashaverus do amor— que namora as boninas que calea, e as estrellas que o espreitam.

« Zephiro que perfumaste-me a mórbida existencia, que me dêste um caminho curto, semeado de petalas, cheio de innocencia, eu te buscarei eternamente.

« Perdido nestas trevas densas, cançado, exausto de for-ças pelas agruras dos desvios, o teu olhar é ainda o phanal bri-lhante que me guia da matta escura e aspera á luz purissima do val, onde o sol explode a sua gargalhada de fulgores.

« Tenho as vestes molhadas pelas chuvas torrencias de to-dos os outomnos; os cabellos humidos pelos orvalhos traidores das noites não dormidas, tanto quanto os olhos doridos pela aci-dez das lagrimas.

« Os pés estão feridos pelos espinhos calcados; as pernas, vacillantes pela distancia percorrida, negam-se á jornada inter-mina.

« Quebram-se-me os galhos a que procuro amparar-me ;
murcham e caem as flores, que alegravam meos olhares !

« Pois vem : tenho um thálamo que te aguarda ancioso e
com amor ; quebra a louza cruel d'esse sarcophago que te rou-
bou á minha affeição, á minha idolatria.

« Vem, que por ti minh'alma anceia

« Perdido, errante e só nestes páramos, o coração se me
estala fibra a fibra, e não sei que latego maldicto espanca-me a
alegria.

« Não virás, eu o sei ! E' destino meo ir buscar-te nos de-
sertos afastados e mortiferos, onde talvez te não encontre !

« E o meo coração, cheio da mais viva esperança, a minha
existencia, cheia de anhelos do maior goso, serão despedaçados
para sempre.

.

I I

« Em meio do meo lugubre caminho—estrada triste e do-
lorosa— a minh'alma sem forças vê adiante o Nada.

« E interrogo : Porque a rasão não me foge em insano des-
vario ?

« Porque o anjo meigo e louro da esperança não adeja em
torno a mim ?

« Porque ?

« Envolto na immensa nostalgia da felicidade, sem Deos,
sem crenças, sem fé, apenas o amor aperta-me no seo estreito
circulo de ferro, onde a saudade pungentissima depõe os mais
agudos espinhos.

« E sempre, sempre a forma ideal do meo alevantado e
eterno culto a desapparecer-me no escuro das noites, nos des-
penhadeiros da montanha, nos antros da selva, nos precipicios
da matta, como um vulto esplendidamente luminoso, aureolado
pelo grande amor que soube consagrar-me !

.

I I I

E foi ; e segue ; segue eternamente, o noctambulo da
dor.

Insana colera faisca-lhe na voz, nos gestos, nos olhares.

Penetra os dedalos escuros da floresta

A quem irá buscar ?

J. DE MORAES

FLOR EXOTICA

Sei de uma flor extranha, uma flor exquisita,
Carnivora, sensual, como a mulher morena ;
Calice rubro como a entrada de uma gehena,
Aberto ao sol e aberto ao insecto que a fita ;

Pode o insecto voltear indifferente á scena...
Força extranha e sensual lubricamente o excita,
E vae, escravo emfim dessa força que o agita,
Libar o mel da flor, sugar-lhe o amor sem pena.

Mas o calice é como um sol que seja escriptorio
De um verme: — o insecto vae, aspira-o, sorve-o e morre,
Que a mesma flor o esmaga, o lacera, o atrophia.

Es como a flor, abrindo o calice carmineo
Da bocca num sorriso ; a alma a sorvel-o corre,
E a dilaceras, rindo uns risos de ironia....

(Do livro *Maio*)

ORLANDO TEIXEIRA.

CÉGOS

A DARIO VELLOZO.

Rutila no Alto toda a luz dos Astros; uma volupia luminosa derrama-se pelo Azul, e as Estrellas, enamoradas e ardentes, são como donzellas lubricas e desejosas que andassem de noite pelas estradas á busca dos salteadores para as desflorar. Na serenidade alta do Ceo dançam Astros vertiginosamente, espesinhando lyrios. A luz embriaga-os como um vinho excitante. E por entre as bacchantes rutilas a Lua passa serenamente, silenciosamente, ironicamente, como uma velha toda branca, no intimo rindo-se talvez d'essa furia amorosa das Estrellas que andam em vão accendendo paixões no seio immaculado e frio do Ceo.

Ella tambem já foi moça e formosa. Contam as lendas e os sonhos de meigos poetas que amou um rei louro, ardente como os volcões e volubil como as borboletas. Foi o seo unico amor, luminoso e breve como um dia de sol. Desde então nunca mais amou e nunca mais sorrio. Para sempre melancholisou-lhe o olhar uma nevoa de saudade e a su'alma insensibilisou-se como se lhe tivesse dado uma paralyisia.

Na neve da sua indiferença ficaram hirtos os seos desejos e ella foi assim embranquecendo como uma velhinha. Agora, na sua insensibilidade de descrente e d'abandonada, ri-se quando pela Via-Lactea vê toda essa orgiaca sensualidade insaciavel da Luz e as Estrellas, núas e doudas, lançando olhares concupiscentes para o espaço, á espera dos amantes que não vêm.

Ah! porque têm os Astros tanta luz?... Apagae, Senhor, toda essa luz que sensualisa os Astros, tirae ás Estrellas esse calor que as enerva. Basta o Luar, Senhor, basta o Luar, frio, impalpavel e immaculado. As Estrellas são doudas que andam núas excitando luxurias. Tirae-lhes, Senhor, o esmeraldino olhar!

Ha pela terra tantos olhos cégos, tant'alma céga que vos querem ver... Ae! tant'alma enamorada e céga e tanta estrella a fulgurar!... Porque, Senhor, negastes a tantos olhos meigos a luz dos vossos Astros?... Pobres céguinhos! nem podem

amar senão pelo afago, pela carícia. E não podem ver a mão que os acarinha, a bocca que os beija e lhes sorri e os olhos, esses desconhecidos olhos luminosos que lhes illuminam em vão o caminho.

Amam na tréva, como se para elles o Amor fosse um crime. São desherdados, pobres sem luz, campos estereis em que o Sol passa sem dourar mèses, em que o dia é triste, crepuscular. Para elles não desponta o dia, nem o Sol, nem o Luar, e os olhos das suas Noivas ficam para lá de nuvens espessas, interdictos á su'alma e ao seo affecto. Só a sua bocca sabe encontrar as cisternas e as fontes doces; mas, para tocal-as, quantas torturas soffrem pelos maos caminhos!... São urzes traiçoeiras que lhes rasgam as carnes; são espinhos agudos que lhes ensanguentam as mãos tacteantes e por tudo a amargura dos desertos e das amplidões desoladas, onde tudo é triste e pesado e onde para elles a Vida é como uma grande montanha ingreme que galgam penosamente para depois descerem do outro lado, repellidos do alto, lançados no abysmo.

Nem sabem sonhar. Nunca viram mãos pequeninas, mãos de velludo rosa veíadas de turqueza; olhos maviosos de louras em que voga a doçura d'uma tarde morna; boccas macias, polposas como fructos frescos, humidas como taças cheias de vinho. Os seos olhos—fontes que seccaram—nem lagrimas têm já.

E no Ceo ha luz!... tanta luz que sensualisa as Estrellas, tanto calor que enerva os Astros!...

OLIVEIRA GOMES.



CANÇÃO

Vamos ! á sombra da Saudade,
Que esta vigia, feia cova,
Vamos, amor ! toda a saudade
Canta desta alma sempre nova !

A harpa desfere velludosa
Da luz em perola do occaso :
A dor será, que, maviosa,
Dos refolhos
Dos seos olhos,
Como da bocca de aureo vaso,
Para o amplo azul espiralando,
Aos ceos a historia irá contando
De vida em tempos venturosa.....

Vamos, amor ! toda a saudade
Canta desta alma sempre nova :
Quem ama, crê, é que a saudade
Chora de já fechada cova !

GUSTAVO SANTIAGO.

IRRADIAÇÃO

A OLIVEIRA GOMES.

...le lien invisible se manifeste souvent d'une façon médiumnique, et l'on peut s'appeler à distance, lire ses pensées, se suggérer à volonté.

Auguste Strindberg— *L'Initiation*.

No Poente, a illuminura de ouro se diaphanizou de todo.... Angelus !... Sons plangentes, de campanarios, perpassam, — arautos da Noite,—abafando o requiem da Tarde, agonizante. Espasmo da Natureza, retrahida e attenta, na expectativa de um final de tragedia.....

Começa de penetrar as almas scismadoras a magia indeff-nivel dos tardos crepusculos merencorios, esbatidos num compassivo azul amenidoso de camara nupcial, alumuada por lampadas suavissimas...Começa de penetrar as almas a dolencia das saudades roxas, cultivadas num alegrete de recordações....

Olhando o Occaso, — como quem se deixa ficar á borda de uma sepultura contemplando, longamente... longamente !... a effigie impressionadora da Illusão intangivel, evocada num ceremonial de officio de mortos, — sinto-me, alheiado á vida, á realidade, num vago de sonho e de loucura mansa, impellido para o Alem, num fluctuar de nimbo suspenso na atmosphaera, sob pressão ignota, de aragem....

Emtanto, a Tarde se espiritualiza e se evola, roçando no azul madrigalesco o arminho de uma caricia, voluptuosa e enervante, como um tactear de labios, avidos e macios, sobre o esculptural impeccavel de um corpo de mulher.....

—«Nunca mais ? !»

Nunca mais ? !— repeti, como um echo ... E o echo de minha voz reflectio nas ondas sonoras toda uma deliciosa miragem, muito saudosa e muito amiga, esmaecida no crepusculo de extranha agonia de amor.....

Senti que augmentava a acuidade de minha visão.... A miragem reflectia a linha artistica de contornos inapreciaveis, — e toda uma payzagem nitida e muzical se accentuou a meos olhos, abertos para o Sonho e para o Mystério.....

—« Nunca mais ? ! »

Era a voz de Palmyra, — de Palmyra, — a Flor de Carne, — flor maravilhosa e profana, — bebendo a alma de Venus, — como uma esperança engastada no Azul....

Do minarete, — *muezzin* da Volupia, — aos pés a cidade immensa, e submissa, — offertava o coração em holocausto á Carne, ao Amor triumphal, — como druida sacerdotiza, cariciosa e terrivel, — que se levasse ao Desejo insaciavel, em busca de uma ventura impossivel.

Palmyra ! — todo um passado extincto..... Paixão energica e tragica, — eclosionada á flor de beijo timido, — uma tarde, junto ao piano, depois de um trecho de Wagner, — e arrebatada num *crescendo* de volupia, de neve e de fogo, — duvida e ciume, na combustão violenta da Carne pela Carne.....

Palmyra ! — romance a Maupassant e a Loti, a Flaubert e a Goncourt, — com umas nuances verlaineanas, — muito vagas, muito diaphanas, — como um halo vaporoso, de lua melancholica e somnambula, — por noites espiritualmente nostalgicas e vaporosas;... — com brutalidades a Emilio Zola, — muito sombrias, muito crueis, — como um carpir de marcha funebre, rhythmmando o prestito de um Christo impenitente, — que levasse um punhal enterrado no peito....

Nosso amor.... Se fôra possivel accender aquelles desejos violentos, — sustados violentamente ; se fôra possivel desfibrar aquellas confissões peccaminosas, eclosionadas entre uma supplica e uma esperança, á luz de olhar que se extinguia num esvair de sensualidade, — por certo, de entre a salsugem daquelle abysmo inundado e submerso, surgiria o espectro de um sonho, a constellação de um chaos, o lotus de uma nevrose....

Se fôra possivel !

I

Ha dous annos. E sinto-a sempre a meolado, como no anhelitar da vida, — á luz insolente do primeiro amor.

Ha dous annos. E a vejo sempre, deslumbradora, na fulgurante veste de seda branca, — Ella, — tão minha, — emocionada

e merencoria, — olhando-me, tristonhamente.... tristonhamente !...— (Palmyra, que mão funesta te arrastou ás aras ? !)—ao sacrificar para sempre, para todo o sempre, — a esperança unica !....

De então, — á noite, — quando o luar abre corollas de magnolias brancas, e ha fluidos sympathicos na atmosphaera, — sinto-a que me chama, insistentemente, a sitios ignotos e phantasticos, — onde não bate a matilha humana as encruzilhadas silentes, palmilhadas por sombras.

E' que a linha esoterica, um dia estabelecida entre nós ambos, actua sobre nosso corpo astral, — e nos approxima... E' que, apezar do rompimento e da ausencia, Ella continuou sempre, — fervorosamente, — de entoxicar a minha alma de moleculas de sua alma.

Uma noite, — como scismasse, em peregrinação funerea, abrindo sarcophagos de sonhos mortos, passo a passo em a necropole abandonada, — pensando nella, pensando..... senti-a, sob o sortilegio da invocação, nos labios, — uns labios de sonho, — a meiguice dos primeiros idyllios, — para o festival das nupcias eternas.....

Como não comprehendesse aquelle sorriso, — aquelle discreto sorriso de noiva..... — como o não comprehendesse, e sorrisse — dolorosamente, — como quem constata a ironia de um cadaver, — Ella se evolou, — pensativa, — na dextra uma grinalda symbolica.....

Que fôra para as nossas nupcias, o sei agora.... Mas, se era espôsa de um outro !....

Quanta vez o consorcio dos corpos leva ao divorcio das almas !..

Quanta vez !

II

Uma decepção o casamento de Palmyra. Sem nuanças de affinidade sentimental, sem affinidades de espirito, — a alma distante e alheia, — moralmente divorciada do esposo, creou, em torno, um paiz de Phantasia e de Sonho, de muita ternura, onde se morria, — meditativa e lugubre, — na lancinancia de vontade perenne, de anhelitante vontade não gozada.

O Invizível actua sobre a alma dos tristes. O Invizível abre ideaes no coração das monjas. As reclusas, as que se vão pela existencia extranhas á existencia, sabem que voz interior lhes monodia na alma um ritornello celeste. As que amam, se espiritualizam,—peregrinas do Astral, — se espiritualizam e se evoluam,—nas mãos alvas de Evocadoras uma guzla de fibras desoladas....

Palmyra iniciou-se. Apprendeo,—pelo coração,—a sciencia das Pythonizas; descobrio,—pelo coração, uma palavra magica. Evocava sombras ; conhecia a Palingenesia,—o grande arcano dos Alchimistas.

A' tarde, se ia para o minarete,—*muezzin* da Volupia,—celebrando o Amor. Se o luar das noites limpidas reflectia nos anenubios do crepusculo uma escumilha de prata, e a Noite, olympica e nupcial, esfolhava blandicias, accendendo anhelos na epiderme sadia das hetaïras reclusas ; — então, invadida subitamente por libidinosos desejos causticantes, se extendia no mozaico impassivel e ingrato, roçando no marmore as espaduas maravilhosas,—Thaïs do Astral,—celebrando os esponsaes da Carne, num mysterio imprevisto de Incubos insaciaveis.... sob o pallio da natureza, em apotheose.

Depois,—num suspiro :

—« Se elle viesse !... »

III

Se elle viesse !...

Ouçolhe a supplica, e me deixo ficar, —longamente,—immovel, o olhar vago e sem visão, impondo-me, pela Vontade triumphadora, a irradiação de meo *Sêr* ao coração de Palmyra.

Doem-me as fibras e os nervos ; os membros tombam, inertes ; ha, dentro em mim, como um estuar de vaga em fluxo e refluxo, de vaga que se encapella, se retrae e, apoz, se espraia impetuosa, batendo as muralhas de não sei que plaga ignota e serena, que reziste.... Sinto-me encarcerado, — galé da carne exigente—luctando,—como alguém que se sente asfixiado, e quer livrar-se à morte inevitavel. E a carne me agrilhoa,—sordida !—arrastando-me para a Inercia, para o Anniquilamento.

Enfim ! E me sinto levado, sinto que me evolo, que subo, —suavemente,—como se fôra a bordo de aereostato de seda,—pairando muito alto,—sublimado extranhamente, — impellido sob etherea pressão de mysteriosa aragem.

Vejo ; ouço ; sinto o contorno de meo corpo,—impalpavel,—como feito de névoa.

A cidade rumoreja, em baixo. Ao longe, no extremo de um arrabalde, alveja o minarete da Thaïs reclusa.

Eil-a...

Eis-me...

Ha miscibilizar de fluidos que se affinizam para a eternidade do Affecto...Miscibilizar de fluidos... adejar de visões evoladas... e, depois,—culturalmente,—todo um cortejo de ósculos, em holocausto á Volupia.

IV

De então, — por noites limpidas, — quando o luar abre corollas de magnolias brancas,—nos vamos,—eu e Palmyra,—pelo azul dos ceos longinquos,—nebulosa do Sonho, para a genesis do Amor.

Coritiba, 10 de Fevereiro de 1897.

DARIO VELLOZO.



NOCTIVAGOS

AMAZONICA

Aves da Noite, cantae !
A vossa triste tòada
Me lembra a canção magoada
Duma filhinha sem pae...

Pela terra e pelo espaço,
Branqueia a luz do luar;
Da concha no alvo regaço
Dorme e sonha a Alma do mar...

Somente, orchestra incessante,
Resta o concerto que é vosso,
Cantando de instante a instante,
Eccoando de fosso em fosso.

Hoje, que por Fado tendes
Cantar da Noite as balladas
E os brancos, trêdos duendes
Das Noivas apunhaladas,

Talvez, quem Sabe? se outr'ora,
Insontes, lêdos cantores,
Em vez de cantar horrores
Não cantastes para a Aurora?

Aproveitae bem o ensêjo
Do luar entre os palmares
E a concertina do beijo
No leito dos nenuphares,

Para inspirardes a nota
A volata mais sentida
Da vossa magoa ignota,
Tão triste, e tão mal contida!...

Vêde, o consorcio de Amor
Que vae pelo monte, abrupto,
—Do germen que gera a flôr,
Da flôr de que nasce o fructo...

E a volupia dos insectos
Nos entreabertos botões...
E sobre os paúes infectos
Das larvas os turbilhões...

Alheias á festa innata
Nos corações dos viventes,
Só vós cantaes a sonata,
A Nenia dos descontentes!

E quando a Aurora se esboça
Por entre as pompas do dia,
Ae! que triste sina a vossa!
Fugis, de horror e agonia...

Então, nas palmas frondosas
Do coqueiral que balança,
Perpassa o aroma das rosas
Nas azas da brisa mansa...

E fogem de vós, ruflando
As pandas plumas gazis,
Das pombas o alegre bando
E um grupo de colibris!...

Ae! que triste sina a vossa,
Aves que á Noite cantaes!
Entoando de choça em choça,
As Nenias e os Funeraes...

DÉVOUEMENT

PAR

DARIO VELLOZO

(Traduction de Jean Itiberé)

Le brouillard farandolait en *cirrus* crevassés, dechiquetés par la brise ; il montait lentement vers les crêtes nues des montagnes solitaires avec l'angoisse dolente d'un bramine vaincu par le néant, — qui sait ! peut être pour supplier de là haut le grand purificateur de la nature, le secourable dieu de miséricorde, pour supplier clémence !... beaucoup de clémence... pour ceux qui aiment.... pour ceux qui souffrent.....

Les arbres, comme de spectres lugubres, dénudés par l'hiver, s'érigeaient dans la désolation noirâtre de la vallée, — toute en ombres.... Un signe à peine de vie, d'une vie animale, une cabane misérable, cachée dans la solitude, — berceau d'âmes angéliques, sans doute, ou bien quelque retraite d'anachorète qui médite froidement sur les souvenirs mortes, loin de la cohue humaine et de la rumeur trompeuse des foules.....

—« Mais non, — rêveur très cher et mélancolique ! »

Un souffle tiède traversa mystérieusement l'espace....

—« Mais non, entends-tu ?... Rien de tout cela.... Tu trembles ?... la solitude aussi parle... elle chante aussi la solitude.... »

Etonné je cherchais tout autour....

—« Aveugle !... Les yeux de l'âme seuls peuvent voir l'Esprit !... Suis ce sentier sinueux.... suis-le !... Là bas, sur la lisière de la forêt, tu rencontreras le petit père Alban... Il faut l'interroger.... il faut l'accompagner... et il te sera révélé un drame poignant. »

Pas à pas marchant sur le terrain humide empreint du passage des brebis, je me dirigeai vers la lisière de la forêt. Près d'une clairière, sur la bifurcation du sentier, le petit père fouillait minutieusement le tronc de vieux arbres, rongés de vétusté.....

Il me fixa, plein d'étonnement.

—«Que fais-tu là, petit ?»

—«Je cherche l'Âme...»

—«L'Âme ?»

—«Mais, oui !»

—«Et pourquoi veux-tu l'Âme ?»

—«C'est pour arroser la Fleur de Vie.»

—«La Fleur de Vie ?»

—«Mais, oui !»

—«Dis-moi, — quelle est cette fleur ?»

—«C'es la grande fleur de pourpre qui vit en notre poitrine.»

—«Le Cœur, alors ?»

—«Je ne sais.»

—«Et pourquoi veux-tu qu'elle vive, cette fleur ?»

—«Ah ! c'est une triste chose....»

J'étais fort attendri. Je le fis asseoir sur le gazon jauni, à mes côtés, et je pris ses petites mains dans les miennes :

—«Raconte-moi ton histoire, petit !»

—«Eh bien ! la voici... Lorsque mon père mourut nous restâmes bien seuls, moi, ma mère et mon frère Edouard. Nous étions très tristes.... très tristes... Maman pleurait tout le temps... Edouard, lui, était alors très petit.... Maman labourait les champs, je rapportais le miel des ruches et je faisais paître les petites brebis blanches qui nous donnent le lait... Et nous grandissions, moi et Edouard..... Un jour il arriva chez nous un monsieur, un très beau monsieur.... il allait de-ci de-là tuant les bons petits oiseaux qui m'avaient appris à chanter....

—«Alors tu sais chanter ?»

—«Maman me dit toujours que je suis un chardonneret.... Le beau monsieur vit le petit Edouard (il était malade le petit Edouard) il dit le beau monsieur :

—«Ma chère femme, ce qui manque à votre fils c'est la santé, c'est l'âme.... l'Âme est la fleur de vie...» et disant cela il touchait sa poitrine... Maman le regarda, moi aussi... Jamais nous n'avions ouï parler de cette Fleur de Vie..... Est-ce que vous la connaissez ?»

—«Qu'en veux-tu faire ?»

—«C'est pour le petit Edouard... le pauvre est toujours si malade, si malade !»

—«Moi j'ai cette fleur, Alban.»

—«La Fleur de Vie ?»

—«La Fleur de Vie !»

—« Oh ! donnez-la moi pour le petit Edouard ! est-ce que vous me la donnez ? »

—« Mais certes, je te la donne. Conduis-moi jusqu'à ta cabane. »

Nous nous mûmes en route. Le petit pâtre courait ; de temps en temps il se retournait en me regardant plein de tendresse. Il avait de très beaux yeux innocents où se reflétait l'image de sa petite âme limpide comme une source.

—« Maman ! maman ! cria-t-il aussitôt arrivé à l'entrée de la chaumière, perdue dans l'isolement, « voici un monsieur qui veut bien nous donner la Fleur de Vie. »

Sa mère parut. C'était une femme accablée par les malheurs, et dont le regard infiniment triste avait la résignation des martyres. Elle s'approcha de moi.

—« Veuillez lui pardonner » dit-elle en montrant le petit pâtre, « mon fils adore son petit frère, il en a presque l'idolatrie, il vous aura dérangé sans doute. »

—« Pas le moins du monde, madame... » La malheureuse femme sourit d'un triste sourire.

—« Il vous apporte la Fleur de Vie, maman ; » interrompit doucement l'enfant.

J'allai voir le petit malade. Il n'y avait rien à faire, il était tout à fait paralytique.

—« Mon fils » dis-je au petit pâtre en me séparant de lui, « la Fleur de Vie n'existe qu'au ciel, c'est là seulement qu'on la cueille. »

Il y a quelques jours je rencontrais, plus misérable encore et comme exténuée de douleur, la mère du petit pâtre Alban.

—« Et vos fils, madame, comment vont ils ? »

—« Hélas ! ils sont morts tous les deux... Dieu m'a emporté le tout petit... Alban a voulu le suivre !... Il s'est suicidé le petit malheureux. Lorsque je le vis tout en sang auprès du cadavre d'Edouard je lui criai affolée :

—« Qu'as-tu fait, mon fils, qu'as-tu fait ? »

—« Je vais au ciel, me répondit-il presque mourant, je vais au ciel, et il ajouta dans un sourire, le dernier, car il expirait :

---« Je vais chercher l'Âme... la Fleur de Vie... pour le petit Edouard... »

CREPUSCULO

No tumulto do occaso, illuminado
Pelos tremulos raios do sol morto,
O dia tomba, triste, abandonado,
Nostalgico de luz e de conforto.

Hora em que o coração, jenuflexado
Ante a visão feral do desconforto,
Vê desfilar das sombras o Passado,
Aos merencorios raios do sol morto.

Hora de dor, profunda de saudade,
Feita de lagrima e de prece ungida,
Soturna de velhice e mocidade !

Como eu te sinto em mim, como eu te quero ;
E's imagem fiel da minha vida
Que, apesar da desgraça, inda venero !

JULIO PERNETTA

IMAGENS

Eu não preciso, para que a minh'alma caia contricta em fervorosa adoração, dessas estatuas e desses altares a que vos ajoelhaes e onde a vossa prece se estiola como uma flor d'humildade, fragil e desbotada, sem dar á voss'alma o consolo que desejaes e sem restituir-vos a fé que um dia deixastes fugir de vós, aberta a grade d'ouro das vossas crenças.

Communguei em altares d'agonias por missas dolorosas d'infortunados e trouxe da eucharistia da magoa o amor á Desdita e a fé no Infortunio, esse amor pungente e essa fé triste que embalde banis do vosso coração.

Do meo peito fiz o sacrario ensanguentado em que guardo a hostia amarga do soffrimento e o vinho turvo das lagrimas. E na dor e nas lagrimas encerrei o meo riso e o meo gozo.

O vinho que me deram a beber derramou na minh'alma a melancholia de luares nebulosos, de luares embuçados pairando sobre campanarios brancos, silenciosos e frios. Na minha tristeza dormem os meos risos e eu velo-lhes o somno para que não despertem.

Filho do deos dos Tristes, volto-me para elle quando pouza no meo olhar a vizão d'uma alegria. E todo o meo culto reduz-se a invocal-o e adoral-o, d'alma cerrada para as venturas, d'olhos fechados para tudo que me chame á alegria.

O seo altar fica entre estrellas, atrahindo preces n'um alto sonho de crença ultima. Em torno da sua Imagem giram os sóes, glorificando-o, e elle, abençoando-os, manda-os baixar ao mundo para que o mundo na sua miseria tenha luz e não pereça de frio.

No meo tugurio beijo essa luz suavissima que me aproxima d'elle, que lhe leva as minhas supplicas e nos traz as suas benções. Esse beijo prende-me ao seo culto, indissoluvelmente, comose eu mesmo me transfundisse na luz dos seos astros para ao seo lado brilhar, glorificando-o.

Ah ! não preciso das vossas imagens sagradas ; das vossas Santas de punhaes de prata ao peito, rostos doloridos, olhos magoados apontando o Ceo ; não preciso dos vossos sacerdotes de mãos diaphanas e voz ungida, implorando como mendigos.

A minha fé é essa mesma que está em vós ardendo, a cruciar-vos fundamentalmente quanto mais a banis, quanto mais a repudiaes.

So a mim ella não punge, so a mim ella não desespera, porque lhe abri o meo coração e a guardo com amor, com carinho como o meo melhor thesouro, como o meo maior bem.

OLIVEIRA GOMES.



JERUZALEM

DE

PIERRE LOTI

(Traducção do „Cenaculo”)

(CONTINUAÇÃO DA PAG: 91.)

Uma hora de caminhada, por entre turbilhões de poeira e turbilhões de chuva alternativamente, sob refregas que desdobram nossos albornozes como azas, e nos atiram ao rosto, vergastando-o, a crina dos cavallos....

Ao longe, surge uma grande cidade, sobre montanhas graníticas e desoladas,— acervo de construcções esparsas, conventos, egrejas, de todos os estylos e de todos os paizes; a través da chuva ou da poeira açoitantes, distingue-se o conjunto, confusamente, e, a espaços, sombrias nuvens que o occultam, interceptando-nos o olhar.

Do lado esquerdo das montanhas, apenas bizarras construcções insignificantes; mas, á direita, descortina-se ainda aquella antiga Jeruzalem, dos missaes ingenuos e graciosos; Jeruzalem, reconhecível entre todas as cidades, pelas formidandas muralhas e as coberturas de pedra, em cúpulas; Jeruzalem, alta e soturna, encerrada entre ameias, sob negro ceo.

Em uma das refregas mais violentas, passa o trem de ferro, silva, e espanta meo cavallo, pondo em completa debandada os meos pensamentos, que já se iam esparsos, borboleteando, ao vento....

Chegamos a desvão profundo, junto de uma estrada ascendente, entre o acervo banal e infimo das construcções que cobrem a collina da esquerda,— hoteis, estação da estrada de ferro, fabricas,— e as tenebrosas muralhas ameiadas que cobrem a collina da direita. Gente de todas as nacionalidades occupa os arredores: Arabes, Turcos, Beduinos; mas, especialmente, typos do Norte, que não suppunhamos encontrar,— longas barbas alouradas sob gorro de peles,— peregrinos russos, pobres mujiks cobertos de farrapos.

E, enfim, subimos para a cidade das muralhas formidandas,—que nos pendora de suas torres, de suas ameias, de sua massa extranhamente triste,—por entre a multidão, por este caminho glorioso dos assedios e das batalhas, onde, com certeza, tantos Cruzados caíram, em defesa da fé... Instantes de compreensão do lugar onde estamos,—e, então, de emoção profunda,—mas, tudo isso, furtivo, perturbado, levado pelo ruído, pela ventania, pelo avizinhar das locomotivas e das agências... E, chegados ao alto, transpomos a grande porta ogival de Jeruzalem, em completa inconsciencia, com a precipitação irreflectida de encontrar abrigo, sob a chuva que principia a cair, rapida, torrencial e gelada.....

VI

Sexta-feira, 30 de Março.

A chuva, a chuva torrencial, a chuva incessante teve-nos prisioneiro durante o dia de hontem, desde a chegada até á tarde.

E, hoje, ainda o mesmo tempo, sob ceo septentrional. Perdida a impressão da estada em Jeruzalem, na banalidade de um hotel de *touristes* onde estamos encerrado, junto do fogo, tendo retomado nossos costumes e modos de Occidental. E' como um sonho a lembrança de haver entrado hontem em soturna cidade, por vetusta porta sarracena, calvagando animaes fustigados pelo vento.

Em salão qualquer, em companhia de Americanos e Inglezes, percorremos os mais recentes jornaes da Europa, sciencificando-nos sem interesse, dos insignificantes acontecimentos que se deram durante nosso periodo nomade,—emquanto Syrios, vendilhões de « artigos de Jeruzalem », nos atocham de objectos de piedade, em madeira ou em nacar.... Gethsemani, o Santo Sepulchro, o Calvario, acazo é tudo isso verdadeiramente real, bem real, e junto a nós, nesta mesma cidade?... Adiamos para mais tarde a romaria a fazer, por causa deste ceo desolante que se não torna limpido ; demais, não temos pressa, inconscientemente retidos, talvez pelo receio das decepções supremas.....

*
* *

Entretanto, á tarde, deixamos o hotel pela primeira vez ; o consul geral de França M. L..., veio offerecer-nos, com a mais

encantadora delicadeza e bôa vontade, o levar-nos, entre duas bátegas, aos Padres Dominicanos, que habitam nas circumvizinhanças, fora das muralhas e que, diz elle, consentirão sem duvida, a pedido seo, em ser nossos mui abalizados guias na cidade sancta.

Um arrabalde, vulgar como o salão do hotel, e que para logò a chuva recommença a zebrar de finas linhas cinzentas.

Durante uma estiagem, a porta de Damasco nos encanta, em a passagem. E' a mais extraordinaria e bizarra das portas sarracenas, a ogiva recortada na grande muralha ennevoada e melancholica, flanqueada de duas torres solurnas, coroada e erriçada de pontas de granito, agudas como áscumas; alta e mysteriosa, sob o verniz da agoa que escorre, parece, hoje, de uma côr intensa de velho bronze azinhavrado. A' frente, tendas de beduinos se agrupam, ennegrecidas, muito baixas a seos pés. E, atraz, um canto da antiga Jeruzalem apparece; um angulo de baluartes ameiados, encerrando casas de cupulas, avança sob o ceo chuvoso, para o deserto de pedras que é a campina; o todo tem aquelle matiz de bronze azinhavrado da porta; o todo parece millenario, abandonado e morto; mas, eil-a, a Jeruzalem authentica, a Jeruzalem das telas veneraveis e das estampas de outrora... E, ao sahir do horrivel arrabalde novo, onde fumegam chaminés de fabricas, julgar-se-hia uma visão divina....

*
* *

Os Dominicanos brancos recebem-nos em seo pequeno locutorio monacal. Teem aquella serenidade mysteriosa e doce, particular aos religiosos; sente-se nelles, para logo, homens da melhor sociedade, e eruditos.

No jardim, onde nos levam na primeira estiagem, fizeram excavações profundas, descobrindo preciosas ruinas. Todo este solo de Jeruzalem, por tantas vezes revolvido, cavado, durante os assedios, os assaltos, as destruições, é ainda rico de destroços e documentos ignotos.

A trezentos metros da porta de Damasco, S. Estevam foi morto em um campo, e a imperatriz Eudoxia, para consagrar o lugar do martyrio, fez alli construir uma egreja. Excavando, confiados nesses dados, os monges encontraram as ruinas dessa egreja, — o bello soalho de mozaicos ainda intacto, e os pedestaes das columnas de marmore, todas partidas a um pé do solo; foi o terrivel Khosroes, grande anniquilador de christãos, quem, em meados do seculo VII, fez destruir tão sancto lugar.

Junto, vêem-se os alicerces da capella, mais modesta, que mais tarde os Cruzados levantaram á memoria de S. Estevam e foi por sua vez arrasada quando baixou sobre Jeruzalem a torrente sarracena. Todos esses tristes destroços gloriosos se nos depa-
ravam, molhados de chuva, dentro das covas recentemente feitas, cobertos ainda da terra que, por seculos, os conservara occultos. E, um instante, nosso espirito se recolhe, sente a distancia que nos separa daquellas edades longinquas, se inquieta, pensando nas éras prodigiosas, desapparecidas....

Ainda um aguaceiro que tomba, lavando os marmores, os mozaicos da imperatriz Eudoxia. Então corremos e nos vamos refugiar nos tumulos que os monges tambem acharam no jardim : toda uma necropole subterranea, com sepulchros alinhados e sobrepostos, encerrando ossadas, duas vezes millenarias, que se pulverizam. Os Dominicanos ahi sepultam, actualmente, os mortos da comunidade, pobres christãos torturados, de hoje, que lá se vão repouzar ao lado de seos irmãos dos primeiros seculos.

*
* *

A' tarde, a banalidade do hotel nos morbidiza, como hontem. Junto ao fogo,—entre os jornaes illustrados, os *touristes* e os vendilhões de rozarios,—sonhamos com aquelle cantinho de Jeruzalem que nos foi mostrado, ao acazo de uma primeira visita, e nosso pensamento se evola ao Sancto Sepulchro e ao Gethsemani, pouco afastado ... Já perdemos dous dias, nesta emocionante circumvizinhança, vacillando entre o desejo e o receio de ver, sob o envoltorio tristissimo desta chuva que parece ter vindo expressamente para nos dar um pretexto de demora.

VII

Sabbado, 31 de Março.

A chuva vae acabar. O ceo gotteja tristemente e mostra algumas nugas azues. Está humido e frio, a agga escorre por toda parte pelas velhas muralhas.

A pé, com um Arabe qualquer por guia, escapo-me sosinho do hotel para correr ao Sancto-Sepulchro, na direcção opposta a dos Dominicanos, quasi no coração de Jeruzalem, por invias ruas estreitas, tortuosas, entre muros antigos como as cruzadas, sem janellas e sem tectos. Nas calçadas molhadas, o ceo ainda obscuro, circulam os costumes do Oriente turcos, bedui-

nos ou judeos, e as mulheres trajando phantasmagoricamente, musulmanas sob veos sombrios, christans sob veos brancos.

A cidade conservou-se sarracena. Distrahidamente, percebo que atravessamos um bazar oriental, em que as lojas são occupadas por vendilhões de turbante; na penumbra das vielas cobertas, passam em fila camellos lentos e enormes que nos obrigam a entrar nas portas.

Logo depois, é necessario deixar livre a passagem á extranha e extensa fila de mulheres russas, sexagenarias todas pelo menos, caminhando rapidas, apoiadas em bastões; velhas roupas desbotadas, velhos chapéos de chuva, velhas pelles, physionomias de cansaço e de soffrimento enquadradas em lenços negros; conjuncto sombrio e triste, em pleno Oriente illuminado e radioso. Caminham rapidamente, o passo ora excitado, ora frouxo, albarroando tudo sem ver, como somnambuladas, os olhos anestesiados, extraordinariamente abertos em um sonho celeste. E lhes succedem mujiks aoscentos, tendo os mesmos olhares de extasis; todos idosos, sordidos, longas barbas grisalhas, longos cabellos grisalhos para fora dos gorros de pelle; ao peito numerosas medalhas, indicando antigos soldados. Chegados hontem á cidade sancta, regressam da primeira visita ao lugar de adoração, onde vou por minha vez; pobres peregrinos que chegam aos milhares, caminhando a pé, dormindo ao relento, á chuva e á neve, soffrendo fome, e deixando mortos na estrada.

A' proporção que se vae approximando, os objectos do Oriente nas lojas vão cedendo o lugar a objectos de obscura piedade christan: rozarios aos milheiros, cruces, lampadas religiosas, imagens e icones. E a multidão é mais compacta, e outros peregrinos, velhos mujiks, velhas matuchkas, param para comprar humilimos rozarios em madeira, humilimos crucifixos de dous soldos, que levam como reliquias supernamente sagradas....

Emfim, em muro vetusto e gasto como um rochedo, abre-se informe porta, estreita, baixa; e, por uma serie de degraus descendentes, chega-se á praça pendorada de altas muralhas soturnas, em face da basilica do Sancto-Sepulchro.

Nesta praça, é costume descobrir-se o visitante, desde que apparece o Sancto-Sepulchro; passa-se alli com a cabeça descoberta, mesmo que se atravesse para continuar o caminho em Jeruzalem. Está sempre repleta a praça de pobres que esmolam cantando; peregrinos que rezam; vendedores de cruces e rozarios, com as quinquilharias expostas ao ar livre, no ladrilho,

gasto e veneravel. De entre as pedras do calcamento, de entre os degraus, surgem pedestaes ainda soterrados, de columnas que outrora supportaram basilicas, e foram arrazadas, como as da egreja de S. Estevam, em epochas longinquas e duvidosas: um amontoado de ruinas, esta cidade que soffreo vinte assedios e tem sido pilhada por todos os fanatismos.

As altas muralhas, de pedras de um ferruginoso avermelhado, que formam os lados da praça, são conventos ou capellas,—e, dir-se-hiam, baluartes. Ao fundo, mais alto e mais sombria que o resto, se ergue esta massa informe, partida,—a fachada do Sancto-sepulchro, com os aspectos, as irregularidades de enorme rochedo; tem duas portas colossaes do seculo XII, embutidas de ornatos de archaismo extranho; murada uma; a outra, escancarada, deixa ver, na obscuridade interior, milhares de flammassinhas. Cantos, gritos, lamentações discordantes, lugubres de ouvirem-se, sobem com odôres de incenso. . . .

Uma vez para alem da porta, chega-se á sombra secular de uma especie de vestibulo, descortinando fundos magnificos onde ardem lampadas innumeradas. Guardas turcos, armados como para um massacre, occupam militarmente essa entrada; assentados, como soberanos, em largo divan, vêem passar os adoradores desse logar, visto, de seo ponto de vista, como o opprobrio da Jeruzalem musulmana,—e pelos mais terriveis de entre elles qualificados por *el Komamah* (a immundicie).

Oh ! a inesperada e inolvidavel impressão, penetrar alli pela primeira vez ! Dédalo de sanctuarios soturnos, de todas as epochas, de todos os aspectos, communicando entre si por meio de arcarias, de porticos, de columnatas soberbas,—ou, então, por invisiveis portas esconsas, respiradouros, furos de cavernas. Uns, elevados, como altas tribunas onde se percebem, em longinquos imprecisos, grupos de mulheres de longos veos; outros subterraneos, onde se roçam sombras, entre paredões de rocha intactos, porejantes e negros.—Tudo em uma semi-obscuridade, á parte alguns jorros de luz que mais accentuam as penumbras proximas; tudo estrellado infinitamente pelas flammassas das lampadas de prata e ouro que descem por milhares das abobadas.—E por toda parte multidões, circulando confusas como em uma Babel, ou estacionando agrupadas por nação, em torno dos tabernaculos de ouro, onde se officia....

Psalmos, lamentações, canticos de jubilo enchendo as altas abobadas, ou vibrando nas sonoridades sepulchraes de baixo; as melopeas fanhosas dos Gregos, entrecortadas dos uivos dos

Cophtas... E, em todas as vozes, uma exaltação de lagrimas e de preces, dissonantes ; o conjuncto formando um não sei que de imprevisto, que se eleva como o superno lamento dos homens e o grito supremo de sua agonia, na morte....

A rotunda, de elevadissima cúpula, na qual se penetra primeiro, e deixa perceber, entre suas columnas, o obscuro chaos dos outros sanctuarios, é occupada ao centro pelo grande kiosque de marmore,—de luxo semi barbaro, e cheio de lampadas de prata,—encerrando a pedra do sepulchro. Em torno do kiosque sanctissimo, a multidão se agita ou estaciona ; de um lado, centenaes de mujiks e matuchkas, ajoelhadas no ladri-lho ; do outro, as mulheres de Jeruzalem, em pé, envoltas em longos veos brancos,— grupos de virgens antigas, dir-se-hiam, nesta penumbra de sonho ; alem, Abyssinios, Arabes de turbante, prosternados, a fronte no chão ; Turcos, o sabre em punho ; gente de todas as communidades e de todas as lingoas...

Não se estaciona no suffocante reducto do Sancto-Sepulchro, que é como o coração desse amalgama de basilicas e capellas, desfila-se um a um ; abaixando-se a cabeça, entra-se alli por uma portasinha muito baixa, de marmore escavado e festoado ; o sepulchro é, interiormente, embutido em marmore, entre icones de ouro e lampadas de ouro. Ao mesmo tempo que eu, passava um soldado russo, uma pobre mulher esfarrapada, uma oriental trajando riquissimas vestes de brocado ; todos, beixando a lousa tumbal e chorando. E outros passavam, e outros passam eternamente, tocando, beijando, molhando de lagrimas aquellas mesmas pedras. . . .

Nemhum plano geral, no conjuncto das egrejas e capellas que se apertam em torno do kiosque sanctissimo ; ha algumas grandes, maravilhosamente sumptuosas, outras pequeninas, humildes e primitivas, morrendo de velhice, em recantos sinistros, abertos em plena rocha e em plena noite. E, aqui e alli, o rochedo do calvario, a nu, apparece entre opulencias e douraduras archaicas. E' bizarro o contraste, em meio de tantos thezouros amontoados,—icones de ouro, cruces de ouro, lampadas de ouro,—e os farrapos dos peregrinos, e a laceração das muralhas ou dos pilares, gastos, devastados, informes, oleosos do roçar de tantas carnes humanas.

Todos os altares, de todos os credos differentes, estão por tal modo misturados aqui, que disso resulta por vezes trocas de logar de padres e cortejos ; fendem as multidões, levando custodias, e precedidos de janissaros armados que ferem o ladri-lho sonoro com a haste das alabardas... Arreda ! são os Latinos

que passam, com casulas de ouro... Arreda ainda! é o bispo dos Syrios,—longa barba branca sob a cogula negra, que sae de sua capellinha subterranea... Depois, gregos de paramentos bysantinos ainda, ou Abyssinios de semblante negro... Caminham, rapidos, nas vestes sumptuosas, enquanto, precedendo-os, avançam thuribulo de prata, pendulados por creanças, abalroando a multidão que se empurra e afasta. Nesta vaga humana, especie de reboço continuo, ao ruido incessante das psalmodias e das campainhas sacras. Por toda parte quasi, ha tanta obscuridade que é forçoso levar ás mãos um cirio para se poder caminhar; e, sob as altas columnas, nas galerias tenebrosas, mil flammæ minúsculas se suavizam ou se cruzam. Homens rezam em voz alta, choram soluçando, correndo desta para aquella capella, aqui para abraçar a penedia onde foi plantada a cruz, alli para se prosternar onde choraram as sanctas Maria e Magdalena; padres, escondidos na sombra, chamam-vos com um gesto para conduzir-vos aavez portasinhas funebres nas cavidades de tumulos; velhas mulheres de olhar desvairado, as faces banhadas de lagrimas, sobem dos subterraneos sombrios, vindo de beijar lousas de sepulchros.

Em obscuridade profunda, se desce á capella de Sancta Helena, por larga escadaria de uns trinta degraus, usada, quebrada, perigosa como ruina desmoronada, e acairelada de espectros agachados. Os cirios, na passagem, allumiam seres vagos, immoveis, cõr da parede do rochedo,—mendigos estropiados, loucos roídos de ulceras; sinistros todos, faces nas mãos, longos cabellos cahidos no rosto.—Entre os duendes, joven cego, envolto em magnifica e loura cabelleira, como em um manto, bello como o Christo, com o qual se parece.

Lá em baixo, a capella de Sancta Helena, depois da noite que se atravessou entre duas linhas de phantasmas, illumina-se de grandes raios de luz diurna, que alli chegam pallidos e azulados pelas setteiras da abobada. E' seguramente um dos logares mais extraordinarios de todo esse conjuncto que se chama o Sancto-Sepulchro; é alli que se experimenta, da maneira a mais angustiante, o sentimento dos passados pavorosos e formidandos.

Está silenciosa quando chego, silente e vasia, sob o olhar moribundo dos phantasmas que guardam a escadaria da entrada; ouve-se apenas rumor indistincto, os sinos e canticos de cima

Por traz do altar outra escadaria, acairelada dos mesmos

personagens de cabelleira longa, desce mais baixo, em a noite mais profunda.

Crer-se-hia um templo barbaro. Quatro pilares enormes, collossaes, de um byzantino primitivo e pesadamente solido, sustêm a cupula de sarapanel, donde caem ovos de avestruz e mil penduricalhos selvagens. Fragmentos de pinturas nas muralhas indicam ainda sanctos e sanctas, nimbados de ouro, em posturas severas e ingenuas, no apagamento das humidades e das poeiras mortas. Tudo num desmantelo de abandono, com porejamentos de agoa e salitre.

Do fundo do subterraneo inferior surgem, subitamente, padres da Abyssinia, semelhando os antigos reis magos, sahindo das entranhas da terra :— physionomias negras, se destacando das tiaras douradas, em forma de turbante, longas vestes de ouro, lentejouladas de flôres imaginarias, rubras e azues.... Rapido, rapido, com uma especie de precipitação exaltada que se nota aqui em toda a parte, atravessam as cryptas de Sancta Helena e sobem para os outros sanctuarios pela enorme escadaria em ruina,—allumiados nos primeiros degraos pelas resteas cahidas das setteiras da abobada, archaicamente esplendidos então nos paramentos dourados, entre gnomos agachados junto ás muralhas,— depois, desaparecidos lá em cima, em longinquos de sombra.

*
* *



AUSENCIA

A' MINHA NOIVA

Toda a tristeza mystica e profunda
De superna saudade que desola,
Como torrente que soluça e rola,
Entra-me o peito e o coração me innunda.

Nevoas de tédio e de melancholia,
De existencia longinqua e desditosa,
Trazem-me a sombra triste e lutuosa
Que envolve a Tarde, quando expira o dia..

E' que me falta a luz siderea e calma
De teo celeste olhar delicioso,
Lyra de rosas que me canta na alma.

E' que me falta o liz de teos desejos
E o teo fulvo cabello esplendoroso,
Onde prendo a sonata de meos beijos.

Coritiba, 15 de Abril de 1893.

DARIO VELLOZO

RESPIGAS

Verlaine e E. Pernetta

O *Cenaculo* encetará breve a publicação de piedoso e sublimado estudo do Dr. Emiliano Pernetta,—finissimo psychogesista, que se tem debruçado angustiosamente do coração humano para sondar, para auscultar a dilacerante nevrose da alma artistica moderna. E esse estudo,—que é psalmo e elegia a um tempo,—vae nos revelar, clarinante e resplendorada, a alma compunginda de extraordinario Incomprehendido,—morto para a Loucura e para a Dor,—evolvido para a Luz e para o Mystério,—na mansuetude beatifica de um Simples, que se levou pela existencia,—cultualmente,—balsamizando corações dilacerados, pensando chagas da alma.—VERLAINE !—o sancto,—VERLAINE !—o puro,— alfim começará de palmilhar,—espectral e sereno,—a gloriosa via-lactea da Gratidão e da Saudade.

O *Cenaculo* aperta affectuosamente as mãos ao Dr. Emiliano Pernetta.

Redacção do Cenaculo

Julio Pernetta, apoz toda uma phase de soffrimento e de angustia, de ascetismo e de ausencia, volta, esotericamente attrahido pela Amizade, a commungar connosco, em a affinidade purissima e confortalecedora do Coração e do Intellecto. Vem retomar o pôsto de sacrificios que lhe pertenceo sempre ; vem trazer-nos o concurso de suas estimadas faculdades espirituaes, — a nota particular de sua visão artistica.

Oxalá que, para logo, possa o *Cenaculo*, de novo reunido e consorciado, proseguir a ardua missão que se impôz, luctando com heroismo, em prol da grande cruzada das Lettras,—tropheo imperecedouro da Humanidade,—em conquista do Ideal, inatingivel talvez.

O seculo XX accentuará outra phase do espirito humano. A transição por que vamos passando prenuncia nova rota a seguir.. —Qual ?

—E' cedo quiçá, para apontal-a.—Que trabalhem os mineiros da Arte ! e o Futuro aproveitará os elementos que se forem reunindo, valorosamente.

Collaboração

Novos collaboradores trazem ao *Cenaculo* delicadissimos lavôres.

Do Rio,—graças ao bello esforço adoravel de OLIVEIRA GOMES (tão nosso!) — GUSTAVO SANTIAGO e ORLANDO TEIXEIRA se dignaram offerecer-nos duas nitentes magnolias,— de indeffinivel aroma, *exquis.* São como duas flores de harmonia, bizarras, impressionadoras, envolvendo a alma em nebulosa de sonhos, onde passam, subito, longinquas visões evoladas, e nunca esquecidas....

O Sr. JOAQUIM SARMANHO,—accedendo a nosso convite,—enviou-nos graciosa poesia, onde ha o fremir de payzagem do Norte, e um monodiar de saudades desoladas.

E' como um murmurinhar de recordações recolhidas, apoz longo viajar por climas extranhos, e onde se presente a alma do poeta officiando, amoravelmente.

J. MORAES, trouxe-nos o *Ashaverus do Amor*, conto que affirma com brilhantismo a intellectualidade do poeta. Ao lê-lo, sente-se que o auctor tem acompanhado com hombridade o evoluer progressivo das Lettras, e que o talento, sempre varonil, do bardo das *Semprevivas*, sabe interpretar e traduzir os estados morbidos da alma humana, apunhalada pela Nevrose e pela Tortura.

Periodicos

Psychologia Hindú—por Guymiot.—O problema o mais importante da psychologia é chegar a saber o que é a intelligencia, a substancia pensante do homem. E' problema ao qual é preciso voltar sempre, partindo de todos os pontos de vista possiveis, porquanto, emquanto não soubermos o que é a nossa intelligencia, não poderemos saber cousa alguma da natureza humana,—essencialmente constituida pela substancia pensante.

Para os philosophos do Oriente, todos os phenomenos do mundo têm seo ponto de partida no pensamento, são, por conseguinte, dependentes da intelligencia: Que sabemos dos phenomenos? Unicamente o que delles pensamos; são, portanto, afinal, como dizem os *idealistas*, modos do pensamento. Para esses philosophos, a intelligencia é productora dos trez mundos Bhur, Bhuvar e Suvarlokas, que em termos occidentaes, chamamos os mundos physico, astral e espirital; quando fallam do homem, é sempre sua intelligencia (*Antahkarana*) que têm em vista.

Assim comprehendida, a intelligencia é o que a Teosophia moderna chama de *Manas*. Os trez mundos são resultados do que nelle se passa.

A intelligencia, para os Hindús, é materia subtil, nada mais. Distinguiram nessa especie de materia quatro generos de propriedades, e a dividiram, por consequencia, em quatro partes: *Manas*, *Buddhi*, *Chitta* e *Ahankara*; a synthese destas quatro partes é chamada *Antahkarana*. Certos philosophos consideram as quatro partes da intelligencia como formando dous pares, um *Manas-Buddhi*, o outro *Chitta-Ahankara*. E' como um tiro de quatro cavallos.

Manas é a parte da intelligencia pela qual duvidamos, isto é, pela qual percebemos as dissemelhanças e os oppostos, o que os psychologos inglezes chamam *discriminação*, a faculdade de distincção. Esta parte da intelligencia é formada de espaço, a materia synthetica que os alchimistas chamam *quinta essencia*, e de ar (*vayú*); o ar está sempre mobil, instavel, mudante e *Manas* tambem; constantemente duvida, isto é percebe dissemelhanças. A duvida é no mundo mental o mesmo que o movimento no mundo physico; não se pode alinhar series de ideas sem duvidar primeiro; para pensar, é preciso perceber cousas differentes; se unicamente se percebesse uma só cousa, sempre a mesma, não se pensaria: o *Manas* ficaria inactivo.

Buddhi é a parte da intelligencia que affirma, escolhe, entre os alinhamentos de ideas estabelecidas e as affirmadas por *Manas*, partes de umas e de outras; é quem estabelece as convicções; é o juiz. As pessoas que gostam muito de julgar são aquellas nas quaes se encontra larga provisão de *buddhi*, feito de espaço e de calor. As pessoas de convicção se alteram facilmente quando as contradizem; contradizel-as, é tentar demolir suas convicções, e ellas querem conserval-as. Se bem que atrelados juntamente, *Manas* e *Buddhi*, estão raramente de accordo, mormente quando *Manas* é o mais forte dos dous; destroe constantemente as convicções de *Buddhi*; a tudo quanto este affirma, não sabendo e não podendo senão

affirmar, Manas responde incessantemente depois alinha series fastidiosas de *se* e de *mas*, que desconcertam Buddhi e o deixam encolerizado pela manifestação de calóricos. As pessoas affirmativas facilmente ficam encolerizadas.

Os Hindús, incapazes, quasi, de classificação methodica, confundem geralmente o calorico e a luz, e por causa desta confusão attribuem a Buddhi a faculdade de ver o verdadeiro ; não é assim, comtudo : Buddhi é formado de calorico e não de luz ; affirma tudo, tanto se enganando como não, e elle se engana mais frequentemente do que vê justo na pobre intelligencia humana.

O outro par é formado de Chitta e Ahankara.

Chitta é compôsto de espaço e de agoa subtil ; a agoa subtil é a luz ; pela luz se vê ; assim, Chitta é a vidente mental, a imaginação.

Que é imaginar ? E' ver imagens. Só conhecemos aquillo que podemos imaginar, ou directamente ou symbolicamente ; considerando bem, é a imaginação principalmente que designamos pela palavra consciencia, se bem que esta palavra se refira á intelligencia inteira, ás quatro partes e á sua synthese Antahkarana. Nossos raciocinios são cortejos de imagens das quaes Manas percebe as differenças e das quaes Buddhi affirma as qualidades, acertada ou erroneamente.

Ahankara é a parte da intelligencia que dá origem ao eu, á idéa do eu ; á concepção da nossa individualidade ; é substancia que agglomera uma parte do conteúdo da consciencia e toma esta parte por propriedade sua. — (*L'Initiation*, Novembro, 1896.)

Revistas e jornaes

Temos recebido :

AMAZONAS COMMERCIAL (Manaos) e o IMPARCIAL (Manaos), Estado do Amazonas.

A MUZICA PARA TODOS (S. Paulo) n.os 23. e 24. Sentimos não nos terem chegado ás mãos os n.os 21 e 22 da bella revista *Muzical e artistica*, e esperamos, sua distincta Redacção providencie nesse sentido, — pelo que nos confessamos gratos.

CORREIO PAULISTANO, CIDADE DE CAMPINAS, CIDADE DE BRAGANÇA, A IDEIA e O ESTANDARTE, — Estado de S. Paulo.

ASTREIA e CENTRO DE MINAS, — Estado de Minas.

CORREIO DO POVO e GAZETINHA, — Estado do Rio Grande do Sul.

A LUZ (Coritiba), CLUB CORITIBANO, CAMPANHA (Castro) e PALMENSE. — no Estado do Paraná.

Agradecidos. Permuttaremos.



Condições de assignatura

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

PAGAMENTO ADIANTADO

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, além da boa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importância dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

Preço da assignatura :

Semestre	6\$000
--------------------	--------

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

Venda avulsa :

Fasciculo	1\$500
Fasciculo de mezes atrasados	2\$000

EXPEDIENTE

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a

RUA SILVA JARDIM, N. 108

O CENACULO acha-se á venda nas Livrarias da Capital.